

# Capítulo I

*Verão de 1754*

— Não foi esse casaco que eu pedi! Vá buscar o manto de veludo azul com gola de pele. Combina melhor com meu vestido.

*E com seus olhos também*

Lady Edwina pensou, olhando para Willow com satisfação enquanto a aia corria para realizar o pedido. Com apenas dezoito anos, a jovem era dona de uma beleza invejável. A feminilidade começava a desabrochar, e o corpo ganhava curvas generosas, transbordando o vigor fértil da maturidade.

Criada em uma fazenda isolada na Irlanda por um tutor, Willow não passava de uma criança ossuda e sem-graça quando chegara. Maturidade e disciplina haviam amenizado sua natureza rebelde, embora não a eliminasse completamente.

Quando Gerard voltasse da América, aquele charme impertinente o intrigaria, como acontecia com todos os homens.

Com um suspiro, lady Edwina se concentrou na capa de veludo que a aia colocou sobre os ombros da jovem.

— É melhor fechar o manto com um broche — disse ela com firmeza. — O Palácio de St. James estará cheio de oficiais para o desfile do rei. Não quero que fiquem olhando para o seu decote.

A expressão de Willow assumiu um ar de provocação.

— São apenas homens, vovó. Que mal podem fazer a uma dama ao ar livre?

— Que mal?! — lady Edwina quase gritou. — Os danos causados à sua reputação poderiam ser quase incalculáveis. Gerard espera que você se comporte com decoro.

— Como se ele se importasse — Willow murmurou com um muxoxo. — Ele não me enviou uma única carta nesses quatro anos. Nem sequer perguntou sobre meu bem-estar durante todo esse tempo. Eu não ficaria surpresa se ele tivesse esquecido a minha existência.

— Que tolice! É claro que ele se lembra! — Lady Edwina fez um gesto de descaso com a mão. — E mesmo que tivesse esquecido, em breve, você o fará se lembrar.

A careta de Willow se transformou num sorriso radiante.

— O que acha, vovó?

Ela ajustou o gracioso chapéu enfeitado com flores e fitas de seda, prendendo

o véu de renda branca idêntica aos babados das mangas do vestido, e rodopiou com graça.

— Você sabe que está linda!

A gentil senhora sorriu quando viu os olhos claros se iluminar com o elogio. Suspirou, aflita, enquanto seguiam para o palácio.

*Rogo a Deus que Gerard se apresse a levá-la para casa antes que algum degenerado vire sua cabeça! Será melhor levá-la para o campo. Ambrose e Caroline ficarão felizes em receber a esposa de Gerard.*

O caminho do coche à entrada do palácio confirmou os receios de lady Edwina. Todos os olhares masculinos foram atraídos para a figura elegante e graciosa da jovem. Os olhos de Willow brilharam de prazer quando um oficial a presenteou com uma rosa vermelha arrancada de um canteiro do jardim.

— Tenente Hugh Macbride, a seu dispor, senhoras. Meu comandante envia cumprimentos e solicita sua companhia na tenda de refrescos.

— E quem exatamente é o seu comandante, senhor? — Lady Edwina fixou seu olhar mais assustador sobre o pobre rapaz.

Willow sufocou uma risada quando ele corou.

— General Robert Marriot, senhora — Hugh Macbride respondeu com o olhar fixo no horizonte. — Ele envia seus cumprimentos e...

— Sim, sim, nós sabemos. Por que não disse logo que seu comandante era Robert Marriot?

Os olhos azuis do rapaz vagaram de volta para Willow. Ele pousou a mão sobre o peito e sorriu.

— Porque fiquei atordoado com a beleza de sua filha.

— Ora, seu arrogante! Siga em frente, se não quiser ser atingido sem piedade pela minha bengala! — Lady Edwina ralhara. — Por que meu primo enviou um oficial subalterno para nos acompanhar? Ele se tornou importante demais para nos cumprimentar pessoalmente?

— O general está tomando refresco com o rei. — Hugh Macbride ofereceu o braço a lady Edwina. — Ele terá oportunidade de se desculpar pessoalmente.

— O rei, você disse? — O interesse iluminou os olhos de lady Edwina quando ela se virou para Willow. — Certifique-se de ter boas maneiras, se você tiver a sorte de ser apresentada. Não é sensato ser leviana na presença de Sua Majestade.

— Eu não preciso de lembretes, vovó — resmungou ela, abaixando os cílios para ocultar a rebelião em seus olhos.

O oficial as conduziu à presença de Robert Marriot, que se apressou para encontrá-las, abrindo caminho pela marquise repleta de convidados. Willow se manteve reservada enquanto seguiam o homem alto e sisudo até a mesa destinada a ambas, embora fosse difícil ignorar o oficial jovem e bonito que

aproveitava cada oportunidade para lhe endereçar olhares promissores.

O perfume sufocante que pairava no ar irritou as narinas de Willow. A marquise se tingira de tons coloridos dos ostensivos vestidos de seda e veludo. Os homens falavam alto, as mulheres sorriam e meneavam a cabeça em aparente passividade enquanto invejavam os diamantes e babados umas das outras.

A ostentação e o luxo que Willow via ali contrastavam com a cena que ela vira a caminho do palácio. Duas crianças magras e famintas à porta de uma joalheria estendiam as mãos encardidas para pedir esmolas, e haviam sido expulsas pelo ourives, que correria atrás delas com uma vara.

De repente, Willow odiou Londres, sua miséria, suas brumas e o amontoado de miseráveis encolhidos como ratos nos becos imundos. Sua mente se voltou para a propriedade em Coringal e sua infância livre e feliz na Irlanda.

Ela suspirou, desejando estar naqueles campos, montada em sua adorada égua, sentindo os músculos vigorosos do animal se tensionarem enquanto se preparava para um salto. Ansiava para receber a suave névoa irlandesa no rosto, sentir a grama úmida sob os pés, voltar para casa ao anoitecer e ver Coringal, a casa de exílio de sua avó paterna, esperando para acolhê-la.

O verão em Coringal revelava a profusão de flores entre as colinas verdejantes, e um perfume suave permeava o ar. O inverno trazia o frio e dias de fome. Mas, embora seu corpo tivesse ficado muitas vezes sem calor e conforto, sua mente se mantivera alimentada, e ela nunca precisara mendigar.

Seu tutor estava sempre a seu lado, oferecendo cuidado e orientação. James Langland povoara sua mente com o conhecimento, incentivara seus sonhos e os embelezara com os seus próprios. Coringal era abençoado com uma biblioteca, e James a apresentara aos mapas para que pudessem viajar por aventuras imaginárias.

Quando não estava estudando, Willow percorria os campos ao lado do tutor. Aprendera a montar armadilhas e a tirar a pele de um coelho, a pescar com as mãos nuas, a disparar uma pistola... Certo dia, quando James se sentia entediado e inquieto, decidira introduzi-la na arte da esgrima. Ela provara ser uma aluna dedicada, ganhando um raro elogio do lacônico tutor.

A dor da saudade oprimiu o coração de Willow. Onde estaria seu querido James agora? Por que nunca mais lhe dera notícias?

— Willow!

O grito de urgência a tirou do devaneio. Ela olhou para lady Edwina, e quase riu ao ver o cavalheiro de rosto pálido e nariz bulboso imitar a avó, dobrando-se em uma reverência profunda.

O rei George II era mais velho do que ela esperava, e muito menos atraente do que imaginava. Willow se perguntou se os boatos que tinha escutado sobre suas muitas amantes eram verdadeiros.

— Lady Sommersley, Alteza — Edwina se apresentou, com uma mesura que quase fez o nariz encostar-se ao chão.

— Sommersley?

O rei inclinou a cabeça em direção ao general Marriot como se esperasse que ele traduzisse a informação.

— Lady Sommersley é mãe do conde Lytton. Lady Edwina é minha prima — o general esclareceu em tom discreto.

— Ah, sim! Seja bem-vinda, milady, e sua encantadora enteada também. — O olhar do rei percorreu Willow da cabeça aos pés. — Ela é uma jovem adorável. Seu marido é um homem de sorte, minha querida.

— Obrigada, Alteza. — Duas covinhas marcaram as bochechas rosadas quando Willow sorriu com graça.

Ela suspirou com alívio quando o rei se voltou para lady Edwina.

— O general me informou que pretendem viajar para Dorset em breve. As estradas estão perigosas nos dias de hoje. Alguns homens do regimento viajarão para Dorchester em breve. Pedirei ao general que organize uma escolta. A senhora será poupada das despesas com batedores — o rei declarou, e quando se despediu com um aceno da cabeça, os rostos e nomes já eram uma memória que se desvanecia para ele.

— A senhora não me disse que íamos para o campo, vovó... — Willow flutuou suavemente os cílios para Hugh Macbride, que abria caminho na multidão segurando um copo de limonada em cada mão. — Será bom sair de Londres.

— Eu decidi há pouco tempo. — Irritada, lady Edwina observava o jovem oficial caminhar na direção delas. — Você está flertando vergonhosamente! Desencoraje esse rapaz, ou cortarei suas orelhas e enviarei a ele como lembrança!

— Não vejo nenhum mal nisso. — Abanando-se com o leque com movimentos graciosos, Willow passou o olhar pelos presentes.

Um homem de meia-idade, cuja barriga escapava das calças, piscou para ela, e Willow desviou o rosto com altivez.

— O tenente Macbride é como todos os soldados — comentou Edwina. — Suas manobras têm apenas um objetivo, que é conquistar o prêmio que uma mulher tem entre as pernas. Isso, minha querida, pertence ao seu marido.

— Vovó! — Willow abanou-se vigorosamente, tentando dissipar o rubor que cobriu o rosto. — A senhora, que cita o recato como uma virtude, não deveria me falar de tais atividades.

— Bah! — Edwina exclamou, satisfeita com o tom chocado da voz de Willow. — Não tente me enganar! Confesse que você anseia pelo momento em que seu marido a fará descobrir os prazeres do amor.

— Não sei a que se refere... — Willow enrubesceu. — Sou ignorante em matéria de relações conjugais.

— Para seu próprio bem, imploro que permaneça assim até a volta de seu marido — Edwina disse com acidez.

O assunto morreu com a chegada de Hugh Macbride, que entregou um copo de limonada a cada uma das mulheres.

— Gostaria de passear pelo arvoredo, lady Sommersley? — convidou ele com um sorriso deslumbrante. — Está corada pelo calor da marquise.

— Lady Sommersley é uma mulher casada — Edwina rosnou, desestimulando os avanços do rapaz.

Edwina olhou por sobre o ombro e viu o marquês Lynchcross acompanhado do sobrinho, Eduard, e de Daphne Vere. Ela sorriu secretamente ao ver a angústia estampada no rosto de Daphne, decerto pelo arrependimento de ter se casado com um Lynchcross. Isso a ensinaria a não fazer seu Gerard de tolo!

— Venha, Willow — chamou, levantando-se. — Temos de prestar nossos respeitos a seu pai.

Willow começou a tremer quando lady Edwina a tomou pelo braço e a arrastou por entre a multidão. Ela não via o pai desde o seu casamento, e pretendia nunca mais ter de pousar os olhos nele.

— Por favor, não me faça prestar respeitos, pois eu não tenho nenhum!

— Você não pode passar a vida inteira evitando-o. — Edwina ignorou o pedido.

Willow estava branca como um boneco de neve. Se o marquês não tivesse notado a aproximação delas, Edwina teria reconsiderado, pois sentiu pena da pobre menina.

— Você não precisa dizer nada além do necessário. Eu falo com o marquês e você se distrai com Daphne de Vere. Ouvi dizer que ela deu à luz uma criança no primeiro ano de casamento. Pergunte sobre o filho, enquanto eu investigo o marquês sobre seu dote. As negociações duraram muito tempo.

— Eu não quero nada dele — Willow resmungou, rezando para que lady Edwina não mencionasse o dote. — Ter herdado sua linhagem já é ruim o suficiente.

— Você não tem que querer. O marquês está em dívida. Ele tem de entregar seu dote a meu neto. — Edwina afagou a mão trêmula. — E você, minha querida, tem direito à sua parcela. Eu pretendo ser tenaz sobre o assunto. Se não for resolvido em breve, farei uma petição ao rei.

Lady Edwina atraiu a atenção quando parou diante do marquês com o queixo empinado e estendeu-lhe a mão. Ele estreitou os olhos e roçou os lábios sobre os dedos enluvados estendidos em sua direção.

A pele do rosto marcada pela varíola, os lábios finos curvados num esgar permanente e a marcha claudicante em função de uma leve deformidade na panturrilha, somados à fisionomia taciturna, forneciam os elementos necessários

para que o marquês fosse tido como um homem perigoso.

A lenda não era infundada. O marquês era implacável nos duelos, e circulavam boatos por toda a Londres sobre atividades escusas que ele e seus companheiros praticavam.

Semi-escondida pela silhueta robusta de Edwina, Willow teria ficado lá se seu primo Eduard não tivesse tomado sua mão e a arrastado para fora.

— Ora, ora... A pequena Willow se transformou numa linda mulher, não acham?

Ela estremeceu quando o pomposo rapaz se inclinou para pousar um beijo nas costas da mão, recuando ao sentir o hálito quente da respiração. Eduard usava calça de cetim escarlate e colete com folhas de videira bordadas em fios de ouro, com os ombros salpicados pelo talco da peruca ostensiva.

Ela se voltou para Daphne de Vere. Simpatizava com a enteada de seu pai, a quem vira algumas vezes na casa do marquês.

Quando as duas mulheres trocaram um olhar, Daphne encolheu os ombros e contorceu os lábios num sorriso estranhamente irônico.

Trazida à atenção de seu pai, Willow baixou involuntariamente os astutos olhos claros e esboçou um sorriso forçado. Ele não poderia prejudicá-la agora, disse para si mesma. Ela pertencia a Gerard, que fora involuntariamente honrado ao defendê-la das surras e insultos do pai. No entanto, não queria que o marido morresse por sua causa.

Seu sorriso desapareceu e ela rapidamente fez uma reverência.

— Ela lembra a mãe, não acha? — A voz de Edwina assumiu um tom levemente malicioso. — Marietta tinha aproximadamente a mesma idade quando você a desposou, se bem me lembro.

O marquês apertou os lábios numa linha fina.

— Vamos esperar que a semelhança termine aí. Marietta se envolveu com as artes ocultas.

Willow deu um passo para trás ao ver a expressão de ódio dele.

— Eu decidi a questão do dote — declarou o marquês, desviando o olhar para Edwina. — Enviarei a escritura de Coringal para Gerard.

— E quanto ao montante pelo casamento?

— Quinhentos guinéus.

— Isso é um insulto! Quinze mil e as joias da mãe dela — retrucou Edwina com firmeza.

— Não vamos discutir em público, milady. — O marquês relanceou o olhar para um grupo próximo a eles, que ouvia a conversa sem disfarçar o interesse. Reconhecendo que estava perto do rei, ele capitulou a contragosto. — Há uma ou duas joias que a menina pode ter, e concordo com doze mil guinéus, que provavelmente recuperarei à mesa de jogo durante o próximo mês.

— Em ouro — murmurou Edwina. — Eu não confio em papel.

A boca do marquês se apertou, e ele assentiu, contrafeito.

— Instruirei meu banqueiro a deixar o ouro e a escritura de Coringal à sua disposição.

Satisfeita, Edwina acenou com a cabeça. Willow tinha dito que a propriedade da Irlanda era improdutiva para a agricultura, mas isso precisava ser revisto. Com um bom administrador e os modernos métodos agrícolas de que Gerard falava constantemente, tudo era possível.

Satisfeita com a negociação, ela enviou um olhar exasperado a Willow e virou-se para Daphne de Vere.

— Ouvi dizer que a senhora tem um filho, milady.

— Eu tenho um menino querido que está perto do seu terceiro aniversário.

— A ternura abrandou o olhar de Daphne. — Seu nome é Edward George.

— Oh! Você lhe deu o nome de seu pai.

Houve uma pequena hesitação, e Daphne acrescentou suavemente:

— E do rei, que foi seu padrinho de batismo.

Edwina lançou um olhar especulativo para Daphne. A jovem marquesa escalara os degraus para os altos círculos da sociedade.

— Eu adoraria conhecê-lo. — Willow lançou um olhar suplicante para lady Edwina.

— Não será possível. Deixaremos Dorset ainda esta semana e não teremos tempo para visitá-lo.

— Nesse caso, podem ir vê-lo amanhã. Posso esperá-las às três horas?

Conscientes de que Daphne de Vere era uma marquesa por direito e que negar seria um desaforo, Edwina viu-se forçada a aceitar.

— Naturalmente. Ficáramos honradas.

— Conte-nos sobre Edward — Willow pediu, aliviada por encontrar um assunto mais agradável para a conversa. — Ele se parece com você, ou com o pai?

— Nenhum dos dois. Ele tem olhos castanhos e lindos cachos escuros, e é alto para a idade. É um belo garoto. Há quem diga que puxou a família Lytton e que se parece com meu pai.

— Família Lytton? — Edwina olhou para Daphne, perplexa. — Qual é a sua relação com a família Lytton, lady Daphne?

— Meu pai era primo do conde Ambrose Lytton. Nossas famílias sempre foram vizinhas e amigas, e espero que assim continue. Eu gostaria de pensar que meu filho tem vizinhos que possa respeitar e confiar quando herdar Sheronwood.

Daphne lançou um olhar contundente ao marquês, sorrindo sem alegria quando ele clareou a garganta. Por um momento, seus olhos castanhos transmitiram malícia.

Edwina se despediu calorosamente da jovem marquesa. Daphne de Vere tinha se mostrado mais espirituosa do que ela imaginara. Era infeliz, mas tinha sagacidade suficiente para insultar o marido em público. Provavelmente, a pobre mulher pagaria por isso.

Se Daphne soubesse que o filho seria punido por seus comentários ácidos, não teria ido adiante. Mais tarde, trancada em seu quarto, ela ouviu os gritos da criança se confundindo com seus próprios soluços. Seu coração se confrangeu de ódio quando finalmente o tomou em seus braços e cuidou dos hematomas no corpinho trêmulo.

Carinhosamente, ela aninhou a criança contra o peito. Naquele momento, decidiu que Eduard Lynchcross nunca mais machucaria seu filho.

Incapaz de suportar a dor de vê-lo sofrer, Daphne decidiu levar Edward para Sheronwood o mais depressa possível, e jurou em segredo que mataria o marido se ele voltasse a encostar um dedo em seu filho.

— Londres inteira está falando sobre Sapphire — anunciou Daphne no dia seguinte, oferecendo a lady Edwina outra guloseima. — A mulher é um mistério. Alguns dizem que é francesa de nascimento, e outros afirmam que vivia numa cidade chamada Nova Orleans, na América. Dizem que ela tem o dom de ver o passado e o futuro.

— Eu não desperdiçaria dinheiro para saber do passado — Edwina desprezou. — Já tenho esse conhecimento.

— Há rumores de que é tão feia que usa um véu para cobrir o rosto. Sapphire prometeu curar a esterilidade de Isabelle Penforth. Deu-lhe uma poção secreta para colocar na bebida do marido e prometeu-lhe um filho dentro de um ano.

— Bah! — Edwina resmungou com descaso. — O marido dela mal consegue montar um cavalo! Já está com um pé na cova, e um afrodisíaco vai fazer com que meta os dois! Ele é velho demais para tamanha excitação.

Willow corou, sem evitar um risinho tímido. O fato de fazer quatro anos que estava casada e ainda permanecer virgem era motivo de preocupação para ela. Pensava com temor no retorno do marido e no ato de fazê-la sua mulher, embora outra parte dela ansiasse por uma criança como Edward para amar.

— Você tem sorte de ter um filho tão bonito — suspirou, mergulhando o rosto nos cabelos sedosos para inalar o perfume da criança.

Daphne dirigiu um sorriso simpático a Willow. Sua virgindade e o marido ausente eram assuntos frequentes nos círculos de Londres. Determinados segmentos da sociedade faziam apostas sobre quem romperia o rigoroso cerco de lady Edwina e seduziria a donzela.

— A senhora teve notícias recentes de Gerard? — Daphne perguntou a lady

Edwina.

— Recebi notícias ontem. Ele pretende retornar antes do Natal.

O coração de Willow deu um salto no peito. Por que lady Edwina não lhe contara? Estava cansada de ser tratada como criança!

Irritada, ela desviou o olhar para a mãozinha da criança e notou a marca arroxeadada. Casualmente, suspendeu o punho da blusa do menino e arregalou os olhos, horrorizada.

— Pobre querido! — exclamou. — Como você se machucou?

O lábio inferior de Edward começou a tremer.

— Papai me bateu com a bengala.

— Oh, meu pobre amor... — Caindo de joelhos, Daphne recolheu o filho e abraçou-o com força antes de erguer o rosto para as duas mulheres, com lágrimas ardendo em seus olhos. — Imploro que me ajudem! Edward é louco, vai matar meu filho qualquer dia. Ele tem ciúmes dos favores do marquês a Edward e receia que o coloque como seu herdeiro. Por favor, lady Edwina, permita-nos viajar para Dorset com a senhora!

Edward começou a chorar, agarrado ao pescoço da mãe.

O caos se instalou até Edwina assumir o comando à sua própria indomável maneira. O menino foi pacificado com um doce, e ela convocou uma aia para levá-lo para o jardim.

Optou por esquecer que Daphne de Vere rejeitara seu querido neto em favor do pai da criança e merecia viver naquele inferno, decidindo que eram águas passadas. Além disso, aprendera a amar a vivaz Willow de uma maneira que nunca pensara ser possível ao longo dos últimos quatro anos.

— Agora, minha cara — disse gentilmente para Daphne —, você vai me contar tudo o que está acontecendo, e veremos o que pode ser feito.

— Será que essa viagem nunca vai acabar?

Lady Edwina estivera impertinente durante a última meia hora. Não era de admirar, Willow pensou, suspirando enquanto os dois cocheiros lutavam contra a lama na estrada. O que deveria ter sido uma jornada de dois dias havia se estendido para três quando uma tempestade de verão inundou o rio Piddle na divisa de Dorchester, obrigando-as a se alojar durante a noite em uma hospedaria no meio do caminho.

— Eu juro que a cama estava infestada de pulgas! — Edwina coçou o pescoço e suspirou. — E você se revirou na cama a noite toda. Eu não consegui descansar nem um pouco.

Willow sorriu e inalou com satisfação o ar do campo. A cama estava maravilhosamente limpa, e lady Edwina roncara tanto que tinha praticamente levantado a palha do telhado.

Ela sorriu ao olhar para Edward. A excitação de ter soldados escoltando-os o ocupara a ponto de esquecer a tristeza por não estar com a mãe.

Daphne havia implorado pela autorização de acompanhar o filho a Sheronwood. O marido concordara em enviar a criança, mas recusara acintosamente dar permissão a esposa para acompanhá-lo.

— Não levará muito tempo para chegarmos. — Olhando pela janela do coche, Willow sorriu e acenou para Hugh Macbride. — Vamos tomar um pouco de ar enquanto os homens soltam as rodas da lama.

— E arruinar a nossa tez? — lady Edwina resmungou, recusando a mão de Hugh Macbride estendida para ajudá-la a descer da cabine. Ela tomou o braço de Willow e olhou para o soldado com uma carranca. — Você pode ajudar Edward e a enfermeira dele.

— Com todo o prazer, minha senhora.

A enfermeira era uma jovem viúva, bonita o suficiente para atrair atenções masculinas. Enlaçando-a pela cintura, Hugh Macbride a suspendeu e carregou até a relva alta à beira da estrada, com as mãos ainda em sua cintura depois que a colocou no chão.

O sorriso com que a enfermeira lhe agradeceu não passou despercebido por lady Edwina, que franziu a testa em reprovação.

— Cuide dos seus negócios, soldado. Você está aqui para nos escoltar. Não negligencie seus deveres.

O rapaz inclinou a cabeça numa reverência respeitosa e se afastou.

— Cuidado com esse soldado! — ela advertiu Willow. — Ele é bonito demais, e as conquistas vêm e vão facilmente para ele.

— Oh! Como os homens são inconsequentes! — Ela repousou a cabeça no ombro de Edwina enquanto passeavam no gramado banhado pelo sol. — Eu gostaria de ter nascido homem. Seria bom seguir meu coração e viver uma vida sem restrições.

— Quem disse que os homens não têm restrições? — Edwina sorriu ante a ingenuidade da outra. — É dever de um homem cuidar de sua família e prover o sustento. Quanto a seguir o coração...

— Gerard Lytton estaria agora casado com Daphne de Vere e seria dono de Sheronwood — Willow interrompeu, amargo. — Por favor, não me lembre mais uma vez, vovó. É odioso saber que o próprio marido ama outra mulher, mesmo tendo motivos para desprezar a esposa. Não há orgulho em saber que eu sou indigna da atenção de Gerard. — Lágrimas grossas brotaram dos olhos aveludados. — Agora estou prestes a conhecer os pais dele, com a certeza de que eles também me desprezarão.

— Eu nunca ouvi tamanha asneira em toda a minha vida! — A expressão severa de Edwina se abrandou quando uma lembrança fugaz dela própria com a

idade de Willow surgiu em sua mente. — O conde e minha filha a receberão com alegria. Quanto a Gerard... — Ela olhou para Willow. — Você é capaz de fazê-lo esquecer Daphne de Vere. Gerard é o tipo de homem que gosta de desafios. Por natureza, você não é uma mulher submissa, Willow. Sem dúvida, vai impor sua opinião, e se você for esperta, poderá convencê-lo do seu ponto de vista.

— E como faço isso, milady? Meu intelecto não se iguala ao dele. — Ansiosa, ela encarou lady Edwina. — Sei ler e escrever, e aprendi sobre as maravilhas das terras distantes, mas não tive a mesma instrução que ele.

— Seu instinto feminino mostrará o caminho. — Edwina beijou a face rosada, sem coragem de dizer que não era o intelecto que importava, e sim os atributos físicos.

Mulheres instruídas eram malvistas, e Willow tinha mais cultura que a maioria, graças às ideias liberais de seu tutor.

— Oh! O coche foi liberado — disse ela, alegremente. — Finalmente os soldados conseguiram desatolar as rodas. Sheronwood está poucos quilômetros à frente. Poderemos nos refrescar lá antes de seguirmos para a Mansão Lytton.

No entanto, a casa de Sheronwood estava fechada. Hugh Macbride galopou de volta com expressão preocupada no rosto.

— Muitos empregados estão com varíola — avisou ele. — A sra. Rosamond pede desculpas, mas prefere que levem Edward para Lytton até ter certeza de que o surto da doença esteja contido.

Edwina franziu os lábios e recolheu a cabeça da janela.

— Vamos, cocheiro! — gritou. — Temos de chegar antes do anoitecer, e antes que os salteadores nos encontrem.

Era pouco provável, Willow pensou. Não com a escolta de um oficial e dois soldados. No entanto, seu coração bateu mais rápido quando, duas horas depois, a caravana chegou a um impasse.

O sol enviava longos feixes de ouro por entre as árvores, e o anoitecer se insinuava lentamente. O ar, agitado por toda sorte de insetos, confundia o zumbido suave com o sussurro da brisa.

A floresta densa margeava os dois lados da estrada, numa espécie de espera atenta como se examinasse os recém-chegados que ousavam invadir sua privacidade.

Willow fechou os olhos com um sorriso, aspirando o aroma de terra, que tranquilizou seus sentidos e apagou das narinas o cheiro da cidade que haviam deixado para trás. Com as pálpebras abaixadas, ela quase podia sentir o pulsar do coração da floresta, guardando em suas profundezas os sussurros e rangidos das criaturas abrigadas em seus recantos secretos.

Qualquer que fosse o futuro reservado a ela, aquela floresta nutriria sua alma, ela pensou. Nunca estaria sozinha enquanto vivesse em sua sombra. E quando

abriu os olhos, sentia-se estranhamente satisfeita.

— Por que paramos? — lady Edwina perguntou a Hugh Macbride, que emparelhou seu cavalo ao lado da janela e apoiou a pistola sobre a sela.

— Um cavaleiro se aproxima. Fiquem no coche. Receamos que os salteadores tenham nos encontrado.